

A DETERMINAÇÃO: QUANTIFICAÇÃO E QUALIFICAÇÃO

Tradicionalmente, o estudo da determinação visa a enumeração da classe dos determinantes definida, morfologicamente como "(...) termo que designa uma classe de palavras que ocorre com os nomes, determinando-os quanto ao número, género, quantidade (...)" (Dicionário de Termos Linguísticos II, 1992)

No entanto, estudos recentes em quadros teóricos diferenciados mostram que a determinação é mais do que a enumeração de elementos isolados, caracterizados, apenas, de acordo com as categorias de género e de número.

Na **Gramática da Língua Portuguesa**, por exemplo, a determinação é entendida como um conjunto de "(...) processos de natureza semântico-pragmática que constroem o valor referencial de uma dada ocorrência de um nominal(...)." (Gramática da Língua Portuguesa:60). A estes processos é dado o nome de *operações de determinação*.

Na área da lógica natural definem-se não só as operações de determinação como as relações que essas operações mantêm com a totalidade do enunciado. Grize, num artigo de 1988, faz a distinção entre determinação directa e determinação indirecta, mostrando que a determinação não incide, necessariamente, sobre o determinante morfológico mas sobre parte do enunciado que 'determina' o nome.

No quadro da Teoria Formal Enunciativa, quadro teórico onde se insere este trabalho, toda a linguagem se organiza em três níveis de representação (nível nocional, nível linguístico - ou dos textos - e nível

metalinguístico). A determinação, tal como o aspecto, a diatese, ou a modalidade, é definida como uma noção gramatical.¹

Considera-se a determinação como um conjunto de operações abstractas que incidem sobre as noções gramaticais ou predicativas, construindo um *domínio nocional*, isto é, construindo uma classe de ocorrências que as torna quantificáveis, e um *espaço topológico*, que permite verificar o que pertence ao domínio, o que lhe é estranho, e o que se mantém na fronteira desse domínio. A construção deste espaço topológico determina a noção qualitativamente.

A operação central da determinação nocional é a localização abstracta (repérage) - construção duma relação binária entre um termo localizador e um termo localizado. O operador de localização (\in) assume diferentes valores: de identificação (=) - quando X é identificável em relação a Y; de diferenciação (\neq) - quando X não é identificável em relação a Y; de ruptura (ω) se X não é nem identificável, nem diferente de Y, o valor ω implica a não-localização de X em relação a Y num domínio determinado e, finalmente, o valor * (estrela) que é um valor misto que alia a identificação com a diferenciação e a ruptura.²

Numa relação predicativa a operação de localização vai localizar o enunciado em relação a uma situação de enunciação (Sit₀) que é definida em relação a um sujeito enunciador (S₀) e a um tempo de enunciação (T₀).

Uma enunciação poderá ser definida de acordo com a seguinte fórmula:

$$(1) \quad \langle \lambda \in \text{Sit} \rangle$$

em que λ simboliza uma qualquer lexis (Culioli, 1975:11).

¹ "(...) sistemas complexos de representação de natureza cognitiva, que estruturam propriedades físico culturais (...)" (Campos 1989: 31)

² Recordamos aqui os exemplos dados por J. Bouscaren e Chuquet (1987:132) sobre os valores de identificação, diferenciação, ruptura e valor * do sistema pronominal do inglês em que: I - X=Y; you - X \neq Y; he - X ω Y; one - X*Y

Segundo esta fórmula podem ser construídas todas as categorias gramaticais inserindo-se aqui a determinação.

Esta breve referência a alguns conceitos teóricos e operativos da Teoria Formal Enunciativa têm como função explicitar quais as operações, e quais os pressupostos, que estão subjacentes à análise que se pretende efectuar.

Retomando um pouco o que se disse atrás, a determinação é entendida como uma operação complexa em que a Quantificação (Qnt) se associa com a Qualificação (Qlt) constituindo um operador complexo (Qnt, Qlt) que determina quantitativa e qualitativamente as diferentes noções.³ Esta associação interpreta os exemplos clássicos

(2) Há bolos que me enjoam

(2)' O que este rapaz fuma!

como:

(3) há [um certo número (Qnt) / determinadas qualidades (Qlt)] de bolos que me enjoam

(3)' este rapaz fuma muitos (Qnt)/ uma estranha marca (Qlt) de cigarros

podendo prever-se um 'cálculo', em que a predominância de Qnt sobre Qlt, ou vice-versa, é decidida pelo contexto em que ocorre a enunciação.

Por sua vez, em

(4) hoje comi muitos bolos

(4)' hoje fumei dois cigarros

Qnt sobrepõe-se a Qlt (formalmente: Qnt (Qlt)).

Neste trabalho, restringiu-se o estudo da determinação apenas à determinação nominal. Ao partir-se da recategorização dos nominais, de

³ Assume-se ao longo deste trabalho a notação proposta por Culioli para Quantificação (Qnt) e para Qualificação (Qlt).

acordo com Culioli (1975 e 1982) propomo-nos verificar de que modo as operações de determinação se associam às noções nominais, quais os tipos de determinantes ou de discretizadores mais produtivos para cada categoria e quais as operações que lhe estão associadas.

De acordo com J. Bouscaren e Chuquet (1987: 157) determinar um nome é "(...) construir-lhe uma existência em relação a um localizador, sendo esta construção uma operação de quantificação/qualificação sobre a noção (...)".

Aceitando a recategorização proposta por A. Culioli,⁴ assumimos a existência de três categorias de nominais:

- a categoria dos Nomes Discretos como *mesa, rapaz, ...*
- a categoria dos Nomes Densos como *água, açúcar...*
- a categoria dos Nomes Compactos como *felicidade, tristeza...*

Uma das primeiras distinções que se podem verificar é que enquanto os discretos podem ser determinados por um numeral, nem os densos nem os compactos se deixam enumerar. É possível, por isso, dizer

(5) comprei uma mesa /comprei duas mesas

(5)' vi um rapaz/ vi dois rapazes

e não

(6) *comprei um açúcar,

(6)' *comprei dois açúcares;

Verificamos que, em relação aos densos a determinação nominal é feita através de discretizadores formados com nomes discretos, e por tanto, com traços de quantidade:

(7) ponho sempre *uma colher* de açúcar no café,

(8) comprei *dois quilos* de açúcar no supermercado

⁴ Ver, por exemplo, Culioli 1975 e 1983.

Por seu lado os nominais compactos, para além de não permitirem qualquer tipo de enumeração, vão admitir um tipo de discretizadores que é totalmente diferente dos utilizados pela categoria dos densos, caracterizando-se por conterem traços de intensidade. Assim é possível dizer, por exemplo,

(9) tive um acesso de tristeza quando soube a nota

(10) senti uma enorme alegria quando encontrei a Maria

mas não é possível dizer

(11) *tive *duas* tristezas quando soube a nota

(11)' *tive *três* alegrias quando encontrei a Maria

(12) *senti *dois quilos de* alegria quando encontrei a Maria

(12)' *senti *dois sacos de* tristeza quando soube a nota

Repare-se que quando estes nomes ocorrem com numerais do tipo de (5) ou (5)' como

(13) tive hoje *duas* alegrias,

o Nome *alegria* refere dois eventos diferentes e não um só, o que não se passa, obviamente, com qualquer das outras categorias.

A tripartição das categorias nominais aqui proposta vem alterar a análise que habitualmente é feita na literatura recente.⁵ Ao subdividir-se os nominais massivos em densos e compactos levantam-se alguns problemas epistemológicos que ultrapassam a mera redivisão das categorias.

De acordo com Sarah de Vogüé esta extensão produz uma "afinidade entre nomes e processos (...)", isto é, "os conceitos de discreto, denso e compacto reenviam para determinados tipos de relações complexas que regulam o conjunto das operações enunciativas (...)" (Sarah de Vogüé 1989:1). Neste trabalho pretende-se encontrar quais as relações pertinentes que

⁵ Ver, por exemplo, a Gramática da Língua Portuguesa, páginas 53-60, entre outros.

se podem estabelecer à volta de cada uma destas categorias de nominais, tendo como objectivo último a validação da tripartição proposta anteriormente, delimitando e caracterizando os discretizadores que as categorias dos densos e dos compactos vão permitir.

Assim, se retomarmos o caso dos nominais densos, verificamos que *água*, por exemplo, aceita apenas discretizadores que lhe são extrínsecos, isto é, discretizadores marcados externamente pelo tempo e pelo espaço

(14) bebo uma garrafa de água todas as manhãs

(15) um golo de água sabe sempre bem

caracterizando-se os discretizadores destes nominais por serem predominantemente qualitativos.

Por seu lado, os nomes discretos são "formatados" intrinsecamente, permitindo uma enumeração.

Quando se diz

(16) vi um gato no jardim

propõe-se, em relação a *gato*, a caracterização geral de um animal que se reconhece como pertencente à classe dos gatos, independentemente da raça, cor, tamanho, etc., defendendo-se, por isso a predominância de Qnt sobre Qlt.

Deve-se no entanto salientar que essa diferença de predominância de Qlt para os densos e Qnt para os discretos não é totalmente linear, podendo ocorrer alguns contra-exemplos, que "tentem" destruir a argumentação anterior. Por exemplo, com os nomes densos, existe, aparentemente, a possibilidade de utilização de um discretizador do tipo (+numerável), característica dos nomes discretos:

(17) estava com tanta sede que bebi *duas águas*.

No entanto *duas águas* não significa duas entidades diferentes (como dois gatos, por exemplo) mas sim duas "porções" da mesma entidade. O que é, por isso, enumerável é um nominal discreto (garrafa, copo,...), que, por ser discursivamente redundante, é 'apagado' do enunciado⁶.

Por outro lado, com os nomes discretos podem coocorrer determinantes que sejam predominantemente qualitativos e não só quantitativos:

(18) um homem não chora

Neste exemplo é evidente que o determinante *um* não tem qualquer interpretação de quantificação, mas sim de qualificação. *Um* refere-se aqui não a um indivíduo que se reconhece como pertencente a uma determinada classe, mas a uma entidade em si mesma.

Esta aparente contradição não invalida o que atrás se disse já que, em qualquer dos casos, o que distingue *água* de *gato* continua a ser a "formatação" extrínseca ou intrínseca que esses nomes definem.

Aparentemente o tipo de determinantes que os nomes densos permitem não se distinguem dos utilizados pelos discretos, o que mostra que esta diferença não é, de forma alguma, produtiva. Repare-se nos exemplos seguintes:

(19) bebi a /aquela água que estava no copo/ vi o /aquele gato no jardim

(20) existe a água no planeta Terra/ existem a gatos no planeta terra

(21) bebi uma água ao almoço/ vi um gato no jardim

Se contrastarmos os pares exemplificados acima verifica-se que, apesar de a forma dos determinantes utilizados ser morfológicamente semelhante aos utilizados com os nominais discretos, há diferenças

⁶ "(...) redundant clauses can be omitted. A clause is redundant if (...) the information content of a sentence in which N has a identifying occurrence is generally known to the participants of the discourse.(...)" Vendler 1967: 60.

entre eles, diferenças que se prendem com uma interpretação referencial diferente da que caracteriza os nomes discretos: o nominal *gato* pode sofrer uma enumeração que lhe é própria, sem ter de recorrer a qualquer discretizador.

Essa característica dos discretos deve-se sobretudo ao tipo de formatação a que estes estão sujeitos. É aliás essa formatação interna que obriga, para o português, a ocorrência de marcas de plural na sequência de um discreto determinado por \emptyset , numa predicação de existência. Por seu lado, os nomes densos estão sujeitos a uma formatação extrínseca (temporal e espacialmente pertinente).

Na análise dos nomes compactos verifica-se que estes nominais não se deixam formatar intrínseca ou extrinsecamente definindo-se, topologicamente, como uma zona fechada, em que tudo o que lhe é exterior é a sua negação⁷, não sendo permitida a criação de uma 'zona de indiciabilidade', responsável pela enumeração dos nominais discretos⁸. Esta proposta de análise vem dar suporte à definição genérica de um nome compacto, isto é, à sua definição como nomes que não podem ser determinados por quaisquer numerais, ressalvando-se a hipótese de essa ocorrência ser possível apenas e só se houver um recurso a diferentes estados de coisas, como se exemplificou em (13), ou quando são utilizados pseudo-discretizadores como

(22) hoje tive dois momentos de fúria

em que o que é enumerado não é, obviamente, o nome compacto *fúria* mas sim o nome discreto *momento*.

⁷ Sobre a topologia dos nominais cf a proposta de Sarah de Vogüé 1989:15-23

⁸ "(...) manque toujours aux compacts la possibilité de distinguer des occurrences - de les distinguer les unes des autres suffisamment pour pouvoir les compter.(...)" Sarah de Vogüé 1989:12.

A delimitação dos nomes compactos poderá ainda ser mais alargada se se tiver em conta outras características como o uso preferencial do determinante definido como em se verifica em(23):

(23) A felicidade é possível

Por outro lado a predominância da quantificação ou da qualificação na definição destes nominais perde pertinência, tornando-se esta neutralidade, talvez, uma das especificidades mais interessantes dos compactos. Essa 'neutralidade' deve-se a razões quer de ordem morfo-sintáctica, quer de ordem semântica.

Na primeira ordem de razões inclui-se o facto de estes nomes serem, geralmente, quanto à sua formação, nominalizações de adjectivais, o que não se passa nem com os discretos, nem com os densos.

Isso significa que, enquanto adjectivos, *feliz*, *alegre* ou *triste* ocorrem em predicções de estado e não de eventos ou de processos.

(24) A Ana está triste

(25) A Maria é feliz

Se se pensar nos nomes *leitura* (que se inclui na categoria dos densos) ou *queda* (que se inclui na categoria dos discretos) verifica-se que são, quanto à sua formação nominalizações de verbais de *ler* (processo) e *cair* (evento).

Assim é possível dizer

(26) A Ana leu poemas - A Ana fez leitura de poemas -(Qnt)Qlt

(27) A Maria caiu no jardim- A Maria deu uma queda no jardim -
-Qnt(Qlt)

Tendo em conta a diferença morfológica na formação dos nomes e/ou as diferenças sintáctico/semânticas da ocorrência dos respectivos predicados, os compactos não criam, como se disse, nem uma formatação extrínseca, nem uma formatação intrínseca, já que nem *tristeza* nem *felicidade* são definidas de acordo com uma qualidade (a

felicidade de X não é melhor nem pior que a felicidade de Y), nem com a quantidade (a tristeza não é contável).

O que atrás foi dito não impede que incidam sobre estes nominais determinados processos a que Sarah de Vogüé (op cit:11-13) chama a "densificação e a singularização de um compacto". Assim, ao contrário de *gato* (discreto), *tristeza*, por exemplo, só admite o numeral *um*, mas impede o plural desse numeral. Cria-se assim uma falsa enumeração, o que obriga a que os compactos sejam necessariamente singulares.

Note-se, no entanto, que em

(28) Tristezas não pagam dívidas

a marcação de plural do nome *tristeza* não invalida o que atrás se disse porque não há qualquer tipo de número expresso que permita que *tristeza* seja definido em relação a um 'formato-tipo', à volta do qual é possível desencadear uma enumeração.⁹, o que é permitido com os nomes discretos como se verifica com os exemplos (5) e (5)', entre outros.

A ocorrência numérica *um/n* em (5) só é possível porque existe um 'tipo' à volta do qual se define a entidade *rapaz*. Com os nomes compactos (exemplificados em (11) e (11)') esta formatação interna não é possível: a *tristeza* ou a *alegria* não se definem em relação a qualquer 'formato-tipo' à volta do qual seja possível identificar e enumerar sucessivos exemplares da mesma espécie.

Por outro lado, se retomarmos *água* como exemplo de um nome denso, contrastando-o com *alegria* (definido como compacto) verificamos que *água*, qualquer que seja a sua ocorrência, obedece a um conjunto de qualidades físicas e químicas, identificáveis e distintivas. *Alegria* nem pode ser definido em relação a características físicas, nem se deixa

⁹ Note-se que, por exemplo em francês, o plural de um compacto só é permitido numa sequência como "il y a des bonheurs insondables" Sarah de Vogüé 1989:12n

delimitar, a não ser pela existência do seu oposto. Todos sabemos reconhecer um rapaz entre, por exemplo, um conjunto de mesas, tal como todos sabemos reconhecer a água num conjunto de outras substâncias líquidas, ou sólidas, podendo haver uma validação¹⁰ dessas noções em relação ao reconhecimento do que é um 'verdadeiro' rapaz e do que é a 'verdadeira' água. Esta validação é impossível com todos os nomes compactos.

Para além das características apresentadas a análise desta tipologia poderá levar-nos mais longe. A determinação nominal mantém uma relação estreita quer com a referência nominal, quer com o valor aspectual dos predicados dos enunciados onde ocorre. Qualquer uma destas vertentes constitui temas aliciantes de estudo. Pensamos, no entanto, que qualquer deles merecia ser tratado numa, ou em várias, comunicações. Nesta tentámos, apenas, abrir um pouco a discussão sobre uma forma diferente de "determinar" a determinação.

Referências Bibliográficas

Bouscaren, J. e J. Chuquet (1987), *Grammaire et textes anglais. Guide pour l'analyse linguistique*. Paris, Ophrys.

Campos, Henriqueta Costa (1989), *Abordagem enunciativa de um subsistema do sistema modal do português: os verbos **dever** e **poder***. Dissertação de Doutoramento, FCSH-UNL.

¹⁰ Segundo Culioli, validar "(...) uma propriedade é construir um ponto dilatado sobre o qual nenhuma diferenciação é possível, (tudo o que é branco é branco). Todos os pontos são idênticos uns em relação aos outros. Numa validação é no entanto permitida a existência de um gradeante (...)". Sarah de Vogüé 1989: 11.

- Culioli, Antoine (1975), "Notes sur "détermination" et "quantification": définition des opérations d' "extraction" et de "fléchage" ", *Documents de l'Université Paris 7*, CNRS.1-14.
- Culioli, Antoine (1981), "Sur le concept de notion", *BULAG* 8, 62-79.
- Culioli, Antoine (1982), *Rôle des représentations métalinguistiques en syntaxe*, Université Paris 7, DRL, Collection ERA 642.
- Culioli, Antoine (1983), "A propos de *quelque*" in Sophie Fisher et J-J. Franckel (eds) 1983, *Linguistique, énonciation. Aspects et détermination*, Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 21-29.
- Grize, Jean-Blaise (1988) "Les objets de la logique naturelle" in *Termes massifs et termes comptables*, Colloque International de Linguistique (Metz1987), Paris, Klincksieck, 25-35.
- Mateus, M^a Helena et alii.(1989), *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Vendler, Zeno, (1967), *Linguistics in philosophy*, Ithaca, New York, Cornell University Press.
- Vogüé, Sarah de (1989), "Discret, dense et compact. Les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale" in J.J. Franckel (ed) 1989, *La notion de prédicat*, Université Paris 7, Collection ERA 642,1-37.
- Xavier, M^a Francisca e M^a Helena Mateus, (orgs.)(1992), *Dicionário de Termos Linguísticos II*, Associação Portuguesa de Linguística/Instituto de Linguística Teórica e Computacional, Lisboa, Edições Cosmos.